

“OI, MEUS AMOR!”: DONA RÚBIA E O CANAL CLAREAR, APROPRIAÇÕES TECNOLÓGICAS E DIFERENÇAS GERACIONAIS NO YOUTUBE

Rafaela Martins Gomes Borges Brandão

Centro Universitário Estácio da Bahia

rafaela_mgbb@hotmail.com

Resumo: Este trabalho analisa o canal de Youtube “Canal Clarear”, protagonizado por Rúbia, mulher de 51 anos, negra, fluminense e dona de casa que conquistou, em 2 anos, mais de 600 mil inscritos. A diferença geracional, de raça e de classe de Rúbia, em comparação com as youtubers de destaque no Brasil, chama atenção e nos levou a buscar entender quais fatores contribuíram para que ela se tornasse um fenômeno a parte no Youtube. A partir dos conceitos de feminismo descolonial, apropriações tecnológicas e brechas digitais, utilizamos uma abordagem exploratória e empírica para apresentar como ocorreu a apropriação audiovisual de Rúbia no YouTube. Para tanto, usaremos categorias de análise que se focam nas questões técnicas do audiovisual e da linguagem dos vídeos, bem como a performance da protagonista. O corpus é formado por vídeos publicados em três diferentes períodos do canal (início, um ano e dois anos depois). Como resultados encontrados, percebemos um aprimoramento do canal, seja investindo em equipamentos e produção dos vídeos, seja na própria apresentação de Rúbia, atualmente, muito mais desenvolta e independente da filha mais nova, que desde o início a auxiliava nas filmagens e produção dos vídeos. Notamos, ainda, que apesar de ter comportamentos e expressões muito particulares, que acreditamos ser um dos fatores da grande audiência do canal, Rúbia também passou a reproduzir as performances mais características da atual cultura das youtubers, como a saudação no início dos vídeos “oi, meus amor!”, uso do formato de vlog, dentre outros achados.

Palavras-chave: Youtuber, apropriações tecnológicas, diferenças geracionais.

A ligação entre práticas comunicacionais e tecnologias digitais está despertando cada vez mais o interesse a respeito das apropriações tecnológicas e brechas digitais. E é importante sim que se discuta, principalmente em uma realidade como a do Brasil, onde as desigualdades sociais existem, são proeminentes, e alcançam facilmente questões sobre o acesso ao digital correlacionadas com as questões de gênero e geração.

Uma dessas práticas é a produção audiovisual para mídias sociais, que é hoje um dos formatos mais acessados na web. De acordo com o estudo realizado pelo Centro de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR), assistir a filmes ou vídeos online – para aqueles com acesso à internet – cresceu de 49% para 71% entre os anos de 2012 e 2017 (AGÊNCIA BRASIL, 2018). Neste cenário, em uma pesquisa realizada para descobrir o

padrão de consumo de vídeos dos brasileiros, o YouTube consolidou-se como sendo a preferência dos consumidores em relação aos vídeos online (THINK WITH GOOGLE, 2018). Com mais de um bilhão de usuários no mundo (YOUTUBE, 2018) e mais de 98 milhões só no Brasil (MEIO E MENSAGEM, 2017), é a maior plataforma de compartilhamentos de vídeo do mundo (TECMUNDO, 2017). Na área do site destinada para a imprensa o YouTube divulga que desde março de 2015, seus criadores de conteúdo que filmaram nos YouTube Spaces¹ produziram mais de 10 mil vídeos, gerando 1 bilhão de visualizações e mais de 70 milhões de horas de exibição (YOUTUBE, 2018). Com todas essas informações surgem alguns questionamentos: quem são esses produtores de conteúdo no Brasil? E o que fazem?

Segundo o que se pode observar nos rankings dos principais canais de YouTube (ESTADÃO, 2018; FERREIRA, 2018; LUCAS, 2017), estes são protagonizados por youtubers ou produtores de conteúdo, que reúnem características muito semelhantes: são jovens, em sua maioria brancas (os), com grande quantidade de inscritos e com uma vida financeira bastante estável. Ou seja, um perfil muito esperado quando se trata de

¹ Estúdios de produção criados pelo YouTube especialmente para seus criadores de conteúdo utilizarem (YOUTUBE, 2018).

apropriações tecnológicas, internet e plataformas como o YouTube. Logo, ao encontrar alguém como Rúbia, uma mulher negra moradora de Nova Friburgo - RJ, de 51 anos, mãe, avó e dona de casa e o seu “Canal Clarear”², com um número expressivo de inscritos – mais de 600 mil em 2 anos de canal-, nos estimula a descobrir quem é essa mulher, o que acontece nesse canal e como ela tornou-se esse destaque. E fazendo tudo isso a partir de um viés descolonizador.

Trabalhos que tratem das apropriações tecnológicas digitais realizadas por pessoas que são atravessadas por questões de gênero, geração, raça e classe, a partir de um olhar feminista descolonial, têm relevância social no Brasil uma vez que, apesar de termos tido um acesso à internet de 64,7% em 2016 (IBGE, 2018), um terço da população - equivalente a 63,4 milhões de pessoas - não a utilizava, de acordo com esse mesmo estudo. E o fato de ter o acesso nem sempre significará diversidade de usuários e nem que esses saibam apropriar-se em sua totalidade das plataformas, explorando-as para aprender novas ferramentas, ter acesso à informações importantes, possibilidade de inserção no mercado de empregos e de produção cultural, etc.

² O Canal Clarear está acessível em: <https://www.youtube.com/channel/UCrwCDZxHQPI_25TNiK051BA>. Acesso em: 28/09/2018.



Então, observar a partir de um contexto histórico-social, uma pessoa quem vive à margem da sociedade brasileira e está apropriando-se de tecnologias para criar suas próprias narrativas, é importante para entender como as brechas digitais podem ser excludentes e impactar negativamente no desenvolvimento da sociedade e quais podem ser as contribuições dessa personagem para o âmbito comunicacional, tecnológico digital e feminista descolonial. Uma outra possível contribuição é fazer a aproximação dos estudos de apropriação tecnológica com os estudos decoloniais, além de apresentar um estudo de caso que ajuda a pensar questões de gênero, geração, raça e classe.

Nesse cenário, apresentamos a questão norteadora da pesquisa: quais fatores contribuíram para que Rúbia se tornasse um fenômeno a parte no Youtube considerando a diferença geracional, de raça e de classe em comparação com as youtubers de destaque no Brasil? Para responder a esta pergunta definimos como objetivo geral: fazer uma análise das apropriações tecnológicas audiovisuais no YouTube, a partir de uma perspectiva descolonizadora atentando para questões de gênero, geração, classe e raça, observando três vídeos do Canal Clarear protagonizado por Rúbia mulher de 51 anos, negra, fluminense e dona de casa.

E como objetivos específicos desejamos: apresentar um diálogo entre os estudos sobre apropriações tecnológicas e os estudos feministas em sua perspectiva decolonial; Identificar as principais formas de representação e questões de gênero, raça, geração e classe do canal estudado; Identificar as mudanças apresentadas no “Canal Clarear” em termos de apropriação tecnológica audiovisual em três vídeos postados em diferentes anos; Observar questões técnicas do audiovisual, da linguagem e dos conteúdos de três vídeos produzidos e publicados no “Canal Clarear”; e observar a performance da protagonista Rúbia.

Apropriações e Brechas Digitais

Susana Morales (2009) define apropriações tecnológicas como sendo práticas através das quais os sujeitos são capazes de realizar um uso competente dos objetos tecnológicos e adaptá-los criativamente à suas próprias necessidades, no âmbito de projetos de autonomia individual e coletiva. Isso nos leva a questionar como, em um contexto brasileiro, populações não hegemônicas, ou seja, aquelas que historicamente e socialmente foram postas à margem da sociedade, apropriam-se das TIC's no âmbito digital.

Em artigo que propôs refletir teorias e metodologias a partir da investigação social

sobre inclusão e desigualdade digital, Ana Rivoir (2017) desejou descobrir em que medida as tecnologias digitais desencadeiam processos de apropriação para alcançar a inclusão digital, e apontou que:

La desigualdad digital es parte de este cuadro a revertir. Se trata de una desigualdad que no refiere únicamente a la infraestructura, acceso y conectividad sino también a las capacidades para el uso y aprovechamiento de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) y que se encuentra en estrecha relación con las desigualdades sociales existentes (RIVOIR, 2017, P.54).

Rivoir (2017) também constatou que as políticas têm priorizado, historicamente, as iniciativas relacionadas à criação de infraestrutura e conectividade, negligenciando em maior medida o trabalho e as ações de apropriação e uso para fins de desenvolvimento. Este tipo de abordagem pode acarretar em novas brechas digitais.

Castaño (2008) define brecha digital como sendo a separação que existe entre pessoas (comunidades, estados, países...) que usam as TIC's como parte de rotina de suas vidas diárias entre aqueles que não têm acesso a eles e mesmo que tenham não saibam como usá-los. Segundo a autora, um dos impactos dessa brecha digital é a exclusão tecnológica, e os diferentes modos como homens e mulheres apropriam-se da tecnologia, o que ela chama de segunda brecha digital de gênero.

A autora nos relembra que estamos imersos em uma Sociedade da Informação em que existem muitos grupos excluídos, mas que a segunda brecha digital não se trata de um problema de falta de recursos, infraestruturas ou conhecimentos. Mas sim de um problema social, onde “las nuevas tecnologías aparecen en una sociedad ya desigual y, por tanto, generan resultados desiguales” (CASTAÑO, 2008).

Feminismo Descolonial

As definições de gênero, até mesmo de feminismo, não foram criadas por pensadoras (es) do sul global, e sim do norte, logo, pesquisadoras como Maria Lugones e Ochy Curiel levantam novos debates, alertando para a necessidade de concebermos um processo de descolonização a partir das experiências latino-americanas e caribenhas que:

[...] supone entonces rescatar diversas propuestas epistemológicas y políticas relocalizando el pensamiento y la acción para anular la universalización, característica fundamental de la modernidad occidental. La descolonización para nosotras se trata de una posición política que atraviesa el pensamiento y la acción individual y colectiva, nuestros imaginarios, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser en el mundo y que crea una especie de “cimarronaje” intelectual, de prácticas sociales y de la construcción de pensamiento propio de acuerdo a experiencias concretas (CURIEL, 2009, p.3).

Já Lugones (2014) nos lembra que “mulher” é uma categoria criada no processo colonizador,

na dita missão civilizatória, e essa mulher é, normalmente, assumida como europeia, burguesa e civilizada. As não-humanas – as colonizadas –, foram transformadas em fêmeas, logo, nenhuma mulher é colonizada, nenhuma fêmea colonizada é mulher. Pois, tornar as (os) colonizadas (os) em seres humanos não era uma meta colonial.

É essa definição de mulher que representa “o feminismo branco, heterossexual, institucional e estatal” como aponta Curiel (2009). Por isso, se faz necessário decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando uma transformação vivida do social (LUGONES, 2014), para criarmos um feminismo:

[...] excêntrico, del afuera, desde la frontera, comunitario, desde los márgenes como espacios posibles de construcción política desde la acción colectiva autogestionada y autónoma que produce teoría propia y un pensamiento descolonizador frente al eurocentrismo y a la teoría y perspectiva de género más conservadora y que cuestiona de fondo la relación saber-poder y la dependencia a las instituciones (CURIEL, 2009, p. 5).

Diante do discutido por estes estudos, consideramos importante observar como estão ocorrendo as apropriações tecnológicas por parte de mulheres brasileiras, de perfis não hegemônicos, que estão construindo novas narrativas na internet.

É nesse momento que surge Rúbia, uma mulher que foge do padrão de youtuber de sucesso – a jovem, branca, estável financeiramente, com aparatos tecnológicos modernos e conhecimento vasto sobre os mesmos-, e que ainda assim conseguiu obter destaque na plataforma. Entender como isso aconteceu observando como ela apropriou-se das tecnologias digitais - que até então não eram parte predominante da sua rotina – e como essa nova realidade tomou forma, foi o objetivo principal desse estudo.

Metodologia

Para que obtivéssemos êxito na execução dos objetivos definidos para a pesquisa, utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos: inicialmente, foi realizado um levantamento de literatura sobre apropriações tecnológicas, brechas digitais e os estudos feministas na perspectiva descolonial buscando entender como essas discussões estão atualmente situadas e de que modo dialogam entre si.

Posteriormente, utilizando uma abordagem exploratória e empírica, analisamos qualitativamente três vídeos do Canal Clarear no YouTube. O primeiro vídeo postado no canal, intitulado “Doce de leite em barra caseiro”, que foi publicado em 1 de agosto de 2016; o vídeo “Recebendo visitas da minha cidade”, publicado em 1 de agosto de 2017; e

por fim o vídeo “O que tenho a dizer sobre esses 2 anos de canal”, postado em 1 de agosto de 2018. Para isso, criamos categorias de análise para analisar as questões técnicas do audiovisual e da linguagem dos vídeos, bem como a performance da protagonista.

Por fim, a partir dos conceitos já supracitados e com as análises feitas nos três vídeos que marcam a estreia, 1º e 2º ano de existência do canal, respectivamente, conseguimos ter algumas possíveis respostas para resolver ao problema central desta pesquisa.

Análises e resultados

Objetivando descobrir as diferenças ocorridas em um e dois anos de produção de conteúdo para o YouTube e posteriormente tentar descobrir quais fatores influenciaram no sucesso do canal, descrevemos as características dos três vídeos: “Doce de leite em barra caseiro”, “Recebendo visitas da minha cidade” e “O que tenho a dizer sobre esses 2 anos de canal”. Para realizar a análise organizamos as informações nas seguintes categorias:

- **Apresentação:** nesta categoria observamos como Rúbia performa em seus vídeos e para isso subdividimos em outras duas subcategorias: Linguagem e Aparência. A primeira teve como objetivo observar de que modo Rúbia se expressa nesses 3

vídeos, quais termos usa e o que é dito de forma resumida. Na segunda subcategoria, analisamos de que modo ela se apresenta visualmente, se existe uma preocupação com a produção estética dela ou não.

- **Qualidade técnica:** já nessa categoria nos atentamos à parte técnica do canal. Que tipo de equipamento audiovisual utilizam, duração do vídeo, qual é o enquadramento, se há o cuidado com a iluminação, o áudio e a pós-produção, a edição dos vídeos.

As categorias definidas reúnem o que acreditamos ser algumas das possíveis formas de analisar uma produção audiovisual publicada em uma plataforma específica para compartilhamento de vídeos. Mas também notamos que outros aspectos dessas produções podem ser observados. Logo, deixamos registrado que futuros trabalhos sobre a presença de Rúbia no YouTube podem ser feitos tendo como foco a análise desses outros vieses. Abaixo os vídeos e as características que encontramos em cada categoria.

Vídeo 1: Doce de leite em barra caseiro.
Publicado em 1 de agosto de 2016.



Figura 1 – Vídeo – Doce de leite em barra caseiro (2016). Fonte: Canal Clarear.

No primeiro vídeo postado no canal, Rúbia ensina a como preparar um doce de leite caseiro em barra com apenas dois ingredientes.

Apresentação

Linguagem: Rúbia conduz o vídeo com uma fala de modo agradável, mas ao mesmo tempo com certa seriedade. Nesse vídeo ela fala na maior parte do tempo dentro da norma padrão, os poucos erros que comete quase não são percebidos. Vai sempre direto ao ponto, explica quais os ingredientes, utensílios que precisam ser usados e como produzir o doce. Ao final diz que se a pessoa gostou do vídeo pode deixar um “O.K” – se referindo ao botão “Gostei” - e se despede.

Aparência: apenas as mãos de Rúbia são vistas no vídeo, o máximo que conseguimos ver é que ela está com as unhas pintadas de azul.

Qualidade Técnica: neste primeiro vídeo ao que parece não havia um tripé, alguém parecia filmar – tudo indica que a filha Patrícia - e essa pessoa buscou se movimentar pouco para não prejudicar a gravação. Mas ainda assim algumas vezes a imagem treme. O enquadramento é todo feito em plano detalhe, sempre mostrando as mãos de Rúbia enquanto faz o doce. Não é possível identificar com o quê é gravado o vídeo, mas é perceptível que o aparelho tem um flash, a qualidade da iluminação e da imagem é boa, apesar da luz estourar em alguns momentos. O som também é bom, conseguimos ouvir tudo o que ela diz, mas não é algo excepcional, ou que aparente ter um microfone direcionado. A edição foi bastante simples, apenas cortando algumas partes em que mostrava o doce esquentando no fogão, para agilizar foram colocadas algumas frases mostrando quanto tempo já havia passado e no fim a frase “Se inscreva para ver as receitas mais incríveis [sic]”. O vídeo tem 2 minutos e 47 segundos de duração e há uma thumbnail³ personalizada mostrando uma foto de um doce de leite em barra com a frase em amarelo “Que delícia!!! [sic]”.

³ Imagem em miniatura que é posta para mostrar uma prévia da imagem ou vídeo. No YouTube é uma prévia personalizada do vídeo (MARKETING DE CONTEÚDO, 2017).

Vídeo 2: Recebendo visitas da minha cidade.
Canal Clarear – publicado em: 1 de agosto de
2017



Figura 2 – Vídeo - Recebendo visitas da minha cidade (2017). Fonte: Canal Clarear.

Neste vídeo Rúbia recebe visita de três mulheres que também moram em Nova Friburgo e que são inscritas no Canal Clarear. Elas resolveram fazer uma surpresa para a youtuber, pois uma delas, que é cadeirante, disse que não queria ver Rúbia triste (ela tinha postado um vídeo dias antes desabafando e chorando). Rúbia as recebe em sua casa e grava toda a conversa entre as quatro.

Apresentação

Linguagem: Rúbia inicia o vídeo olhando para a câmera e falando a frase que virou o seu bordão um ano depois da criação do canal: “Oi, meus amor!”, a partir daí ela comenta, sempre com muita empolgação e aparente alegria, que alguém estava vindo visitá-la em sua casa, mas que ainda não sabia quem era. No decorrer do vídeo descobrimos que as visitas eram três inscritas do seu canal. Durante todo o vídeo ela continua extremamente falante, enquanto as visitas a

observam e falam poucas vezes. O tempo todo ela se direciona aos inscritos do canal com frases como “Olha gente” e “Meus amor”. Ao fim do vídeo ela se despede das visitas, direciona-se para a câmera e manda um beijo para os inscritos.

Aparência: Desta vez Rúbia aparece totalmente no vídeo. Ela veste uma roupa simples, camisa de manga longa, calça legging, meias e sandálias. Usa um lenço amarrado na cabeça enquanto os cabelos estão presos. Não aparenta usar nenhum tipo de maquiagem.

Qualidade técnica: nesse vídeo percebe-se que Rúbia está sozinha operando a câmera ou celular em um tripé. O enquadramento inicial é de primeiro plano, mas muda para plano geral quando Rúbia direciona para as visitas que estão sentadas. A qualidade da imagem em grande parte do vídeo é prejudicada pela falta de luz no local onde Rúbia e as visitas estão, apesar de ser dia. Ao que parece não há flash, ou, se existe, não foi ligado. Mas ao sair da casa conseguimos ver com clareza a imagem e percebe-se que a qualidade não difere tanto do primeiro vídeo de 2016. O áudio ainda continua sendo apenas o do aparelho, ela não usa nenhum microfone, o que prejudica em alguns momentos em que uma das visitas fala. Quase não há edição, apenas um pequeno corte no final. O vídeo tem 13 minutos e 24 segundos. Nesse vídeo

não há uma thumbnail personalizada, apenas um frame do vídeo.

Vídeo 3: O que tenho a dizer sobre esses 2 anos de canal. Canal Clarear – publicado em: 1 de agosto de 2018



Figura 3 – Vídeo - O que tenho a dizer sobre esses 2 anos de canal (2018). Fonte: Canal Clarear.

Neste terceiro vídeo Rúbia está comemorando os dois anos de existência do canal. Em um monólogo, ela comenta emocionada algumas das situações que aconteceram durante esses anos de produção de vídeos.

Apresentação

Linguagem: Rúbia o tempo todo fala olhando diretamente para a câmera, inicia mais uma vez com seu bordão “Meus amor!” e, demonstrando visível emoção no início da gravação, diz que quer bater um papo com seus inscritos e faz um apanhado de tudo que aconteceu no canal nesses dois anos. Diz que quer agradecer, fala sobre os ataques sofridos, relembra os primeiros “recebidos” (presentes enviados por inscritos do canal) que ganhou e comenta como foi a sua “descoberta da

internet” quando ela começa a ver diversos vídeos no YouTube, utilizar o Whatsapp, até mesmo salvar o contato das suas inscritas no celular. Além de lembrar que anteriormente a filha Patrícia - conhecida como Pati – era quem gravava os vídeos e que posteriormente ela, Rúbia, começou a fazê-lo. Finaliza dizendo para que todos vejam outro vídeo que publicariam, onde fariam uma comemoração desses dois anos.

Aparência: Rúbia, que havia acabado de acordar, está com o cabelo – que parece estar alisado - levemente desarrumado, usa uma camisa rosa de manga e uma outra preta por dentro da primeira. Tem as unhas pintadas de azul. Não aparenta usar nenhum tipo de maquiagem.

Qualidade Técnica: nesse vídeo Rúbia também está sozinha operando a câmera ou celular em um tripé. O enquadramento é todo em primeiro plano, onde mostra Rúbia em um fundo com parede branca. A iluminação aparenta ser apenas a do cômodo em que está, é boa, conseguimos vê-la com clareza, nesse vídeo também não grande diferença da qualidade da imagem com relação aos dois primeiros. O áudio também é bom, parecendo ser apenas o microfone do aparelho. Há apenas um único e pequeno corte logo no início do vídeo. Ele tem 10 minutos e 55 segundos. Nesse também não há uma



thumbnail personalizada, apenas um frame do vídeo.

Após analisar cada um dos vídeos, dividindo entre as categorias já citadas, e comparar suas características, encontramos as seguintes mudanças:

Apresentação

Linguagem: Em dois anos de canal percebemos que Rúbia está muito mais à vontade em lidar com a câmera. No primeiro vídeo nem seu rosto foi exibido, ela falava devagar, com uma certa timidez. Hoje ela fala do seu modo (com alguns erros de plural, algumas idiossincrasias), sem uma preocupação excessiva com a norma padrão, sempre muito animada, falante. Como existe em diversos canais de youtubers mais jovens, ela também passa a ter seu bordão de saudação: “Oi, meus amor!”, e já está tão íntima de seus inscritos que até os recebe em casa para conversar.

Aparência: No primeiro vídeo o rosto de Rúbia aparece, logo não é possível observar sua aparência, mas nos seguintes sim. Ela não parece se preocupar em produzir-se para gravar, como geralmente observamos em vídeos de outras youtubers que maquiavam-se, onde é visível uma pré-produção para a gravação. Já ela opta por gravar como estiver vestida, roupas simples, sem maquiagem, cabelos desgrenhados ou com turbantes.

Qualidade técnica: Diferente do primeiro em que tem ajuda da filha Patrícia, Rúbia nos vídeos seguinte já demonstra facilidade em gravar os vídeos sozinha. Com o uso de um tripé ela grava seus vídeos, e, mesmo que ainda tenha certa dificuldade com a iluminação, o enquadramento e o áudio, consegue fazer boas capturas. Nos dois últimos vídeos vemos uma maior segurança ao lidar com a gravação, uma independência e facilidade que geralmente notamos em outros canais de youtubers mais jovens.

Considerações finais

Ao analisar os três vídeos notamos uma clara mudança na relação de Rúbia com as TIC's. De uma pessoa que falava timidamente sem até mesmo mostrar seu rosto no vídeo, ela passa a ser aquela que produz o conteúdo, lidando diretamente com os materiais para gera-lo. Mesmo que seja apenas o ferramental audiovisual, isso já mostra como ela, uma mulher que vem de uma geração e de uma classe social que não teve a oportunidade de crescer lidando com tecnologias digitais e a internet, pode sim ter a possibilidade de adentrar a este novo espaço de conexão, apropriar-se de novas tecnologias e criar outras narrativas, outros olhares sobre sua própria vivência.

Mesmo Rúbia não se denominando feminista pode ser considerada uma das personagens de



um movimento feminista descolonizador da América Latina que visa resgatar os conhecimentos situados de mulheres - diferente do que a colonização definiu (mulher = europeia, branca, heterossexual) - que anulam essa universalização criada pela modernidade ocidental. E conseguir fazer isso utilizando, principalmente, uma plataforma digital como divulgadora, mostra que esses conhecimentos, na maioria das vezes, só conseguem ter destaque da forma como são apresentados, ou seja, com a mulher negra sendo a protagonista da sua narrativa, em meios que ainda são considerados como não-hegemônicos. Mas, que aos poucos, como mostram as pesquisas do IBGE sobre acesso à internet, vem crescendo e dividindo o espaço com os meios hegemônicos.

Apesar desse trabalho não observar a reação do público ao que Rúbia publica, o número de inscritos no canal e o seu constante crescimento nos revela que em um cenário onde o comum é ver o sucesso de pessoas jovens, brancas, financeiramente estáveis, produzindo conteúdo com equipamentos tecnológicos – os quais os utiliza muitas vezes desde criança – de ponta, ter uma personagem que foge completamente desse perfil e consegue uma notável visibilidade, talvez esteja nos indicando que as pessoas estão demandando a existência de novas narrativas e pessoas que realmente diferenciem-se desse

perfil já tão conhecido e que sempre deteve um privilégio social, econômico, educacional, profissional, etc. Ou seja, pessoas que sempre tiveram total liberdade para atuar em outros espaços, pois a sociedade brasileira – engendrada no sexismo e racismo – assim o corrobora.

Podemos perceber que Rúbia, apesar de não ter tido uma educação digital, apropriou-se, dentro do que foi possível para ela, de tecnologias digitais e começou a escrever sua própria história dentro do YouTube. Mesmo aderindo a algumas performances da cultura atual das youtubers, como a saudação no início dos vídeos, ou o uso do formato vlog⁴, o que indicaria uma preocupação em adequar-se a esse novo espaço, seu conhecimento a partir das suas experiências de vida, suas idiossincrasias, sua personalidade carismática, a despeito do seu pouco conhecimento em tecnologia e investimento na produção técnica do canal, podem ter sido um dos principais motivos para ela conseguir em pouco tempo tantos seguidores. Ver sua evolução ao lidar com tecnologias as quais não tinha conhecimento nos mostra que mulheres como Rúbia, negras, com mais de 50 anos, pobres, que historicamente foram postas à margem da sociedade brasileira, podem, com o auxílio

⁴ União das palavras blog e vídeo. Já os daily vlogs são vídeos postados diariamente no canal do youtuber, ou em outras mídias sociais mostrando o cotidiano do youtuber (SIGNIFICADOS, 2014).



das TIC's, tornar suas histórias destaques em lugares ainda dominados por jovens brancos.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Consumo de vídeo online já é preferido por 71% dos internautas do país, 2018 Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/consumo-de-video-online-ja-e-preferido-por-71-dos-internautas-do-pais> />. Acesso em 27 set. 2018.

CASTAÑO, Cecilia. La Segunda Brecha Digital, 2008. Disponível em: <http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_125_081231146032713.pdf>. Acessado em: 27 set 2018.

CURIEL, Ochy. Descolonizando el feminismo: Una perspectiva desde america latina y el caribe, 2009. Disponível em: <http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>. Acesso em 27 set. 2018.

ESTADÃO. Os 20 maiores canais brasileiros no YouTube, 2018. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/galerias/geral,os-20-maiores-canais-brasileiros-no-youtube,27560>>. Acesso em 27 set. 2018.

ESTADÃO. 25 youtubers brasileiras para conhecer e acompanhar, 2016. Disponível em: <[http://link.estadao.com.br/galerias/geral,25-](http://link.estadao.com.br/galerias/geral,25-youtubers-brasileiras-para-conhecer-e-acompanhar)

[youtubers-brasileiras-para-conhecer-e-acompanhar,24227](https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-youtubers-brasileiros-que-mais-faturam-em-2018/)>. Acesso em 27 set. 2018.

FERREIRA, Isabela. 7 youtubers brasileiros que estão faturando muito dinheiro em 2018, 2018. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/7-youtubers-brasileiros-que-mais-faturam-em-2018/>>. Acesso em 27 set. 2018.

IBGE. Nove entre dez usuários de Internet no país utilizam aplicativos de mensagens, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20077-nove-entre-dez-usuarios-de-internet-no-pais-utilizam-aplicativos-de-mensagens>>. Acesso em 27 set. 2018.

LUCAS, Adriano S.. Top 50 maiores canais brasileiros do Youtube, 2017. Disponível em: <<https://top10mais.org/top-10-maiores-canais-brasileiros-do-youtube/>>. Acesso em 27 set. 2018.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso em 27 set. 2018.

MARKETING DE CONTEÚDO. Thumbnail: o que é e por que ela é importante para seus vídeos?, 2017. Disponível em:



<<https://marketingdeconteudo.com/thumbnaill/>
> Acesso em 27 set. 2018.

MEIO E MENSAGEM. Quem são os usuários do YouTube no Brasil?, 2018.

Disponível em:

<<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/07/24/quem-sao-os-usuarios-do-youtube-no-brasil.html>> Acesso em 27 set. 2018.

MORALES, S. La apropiación de TIC: una perspectiva. In: MORALES, S.; LOYOLA, M. I. **Los jóvenes y las TIC**. Apropiación y uso en educación. 1. ed. Córdoba. Edição de autoras, 2009.

NATANSOHN, L. Graciela (Org.). **Internet em código feminino**. Teorias e práticas. E-book. Ed. em português revista e ampliada.. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013.

RIVOIR, A. Reflexiones teóricas y metodológicas a partir de la investigación social sobre inclusión y desigualdad digital. In: CABELLO, R. e LÓPEZ, A. **Contribuciones al estudio de procesos de apropiación de tecnologías**. 1. ed. Buenos Aires: 2017.

SIGNIFICADOS. Significado de Vlog, 2014.

Disponível em:

<<https://www.significados.com.br/vlog/>>. Acesso em 27 set. 2018.

SILVEIRA, Letícia. “Se baixarmos o ‘volume’, não vão nos ouvir”: as apropriações do YouTube e a performance das mulheres ‘crespas’ e ‘cacheadas’. Dissertação – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2017.

TECMUNDO. A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo [vídeo], 2017. Disponível em:

<<https://tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>>. Acesso em 27 set. 2018.

THINK WITH GOOGLE. Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018, 2018.

Disponível em: <

<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-Consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>>. Acesso em 27 set. 2018.

YOUTUBE. YouTube para a imprensa, 2014.

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>>. Acesso em 27 set. 2018.